



Oposição democrática na **Venezuela**

Laureada com o Prémio Sakharov de 2017

Desde 1988 que o Parlamento Europeu atribui o Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento a pessoas e organizações que tenham dado um contributo excecional para a luta em prol dos direitos humanos.

Oposição democrática na Venezuela

Assembleia Nacional (Julio Borges) e todos os prisioneiros políticos, tal como enumerados pelo Foro Penal Venezuelano, representados por Leopoldo López, Antonio Ledezma, Daniel Ceballos, Yon Goicoechea, Lorent Saleh, Alfredo Ramos e Andrea González

Ao longo dos últimos anos, a Venezuela tem-se debatido com uma crise política. O partido no poder tem limitado constantemente o primado do Direito e a ordem constitucional e, em março de 2017, o Supremo Tribunal privou a Assembleia Nacional democraticamente eleita do seu poder legislativo. Julio Borges, o presidente da Assembleia Nacional, resumiu a situação na Venezuela da seguinte forma: «Não se trata apenas de um confronto político na Venezuela. Trata-se de um confronto essencial, existencial, baseado em valores».

Ao mesmo tempo, o número de prisioneiros políticos ultrapassou os 600, segundo o último relatório do Foro Penal Venezuelano (Fórum Penal Venezuelano), uma importante organização venezuelana de defesa dos direitos humanos que faculta assistência jurídica *pro bono* a pessoas com recursos económicos limitados e consideradas como detidas arbitrariamente, torturadas ou atacadas durante manifestações. Entre os prisioneiros políticos encontram-se os proeminentes líderes da oposição Leopoldo López, Antonio Ledezma, Daniel Ceballos,

Yon Goicoechea, Lorent Saleh, Alfredo Ramos e Andrea González.

Embora o líder da oposição venezuelana Leopoldo López passasse, temporariamente, ao regime de prisão domiciliária em julho, após mais de três anos detido, foi transferido de novo para a prisão em agosto de 2017. Outro importante político da oposição e antigo presidente da Câmara Municipal de Caracas, Antonio Ledesma, tem estado em prisão domiciliária desde 2015, enquanto os antigos presidentes de câmaras municipais Alfredo Ramos, de Iribarren, e Daniel Ceballos, de San Cristobal, também foram presos, tal como um estudante ativista Lorent Saleh. Entre os prisioneiros políticos encontram-se dois cidadãos espanhóis, Andrea Gonzalez e Yon Goicoechea.

Desde o início do ano, mais de 130 opositores foram assassinados e mais de 500 foram detidos arbitrariamente.

Andrei Sakharov

Andrei Sakharov (1921-1989) foi um físico de renome, ativista dos direitos humanos, dissidente e paladino de reformas na URSS. Pioneiro da física nuclear e pai da bomba de hidrogénio soviética, Andrei Sakharov tinha 32 anos quando se tornou membro de pleno direito da Academia das Ciências da URSS. Todavia, no final dos anos cinquenta, demonstrou uma preocupação crescente relativamente às consequências dos testes nucleares e às implicações políticas e morais do seu trabalho, que poderia conduzir a mortes em massa. Na década de sessenta, tornou-se um crítico da corrida aos armamentos nucleares e, por conseguinte, foi afastado de todo o trabalho militar ultrassecreto e privado dos seus privilégios.

Em 1970, tornou-se um dos cofundadores da Comissão dos Direitos do Homem na URSS, iniciando uma campanha em prol dos direitos humanos e das vítimas dos julgamentos de caráter político. Em 1972, casou-se com Yelena Bonner, também ela ativista dos direitos humanos. Apesar da crescente pressão exercida pelo governo, Sakharov não só procurou a libertação dos dissidentes no seu país como se tornou um dos mais

corajosos críticos do regime soviético, personificando a luta contra a privação dos direitos fundamentais. Nas palavras do Comité do Prémio Nobel, que o agraciou com o Prémio Nobel da Paz em 1975, Sakharov era «um porta-voz da consciência da Humanidade». Não foi autorizado a deslocar-se para receber o Prémio Nobel, mas nem a repressão nem o exílio conseguiram quebrar a sua resistência.

Em 1980, Andrei Sakharov foi exilado no perímetro fechado da cidade de Gorky, depois de ter protestado publicamente contra a intervenção militar soviética no Afeganistão em 1979. Enquanto esteve no exílio, viveu sob apertada vigilância policial. Em reconhecimento do empenho de Sakharov ao longo da vida em prol dos direitos humanos, em 1988 o Parlamento Europeu criou um prémio com o seu nome. Nas palavras de Jean-Francois Deniau, que liderou a iniciativa, Sakharov era «um cidadão europeu que personificava a liberdade de pensamento e de expressão e que decidira renunciar a todas as vantagens materiais e a todas as distinções que tinha à sua disposição devido às suas convicções e à sua consciência».

O Prémio Sakharov

Atribuído pela primeira vez em 1988 a Nelson Mandela e Anatoli Marchenko, o Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento é o maior tributo prestado pela União Europeia (UE) ao trabalho desenvolvido em prol dos direitos humanos. É uma forma de reconhecimento de pessoas, grupos e organizações que tenham dado um contributo excecional para a defesa da liberdade de pensamento. Por intermédio da atribuição deste prémio e da rede que lhe está associada, a União Europeia apoia os laureados, que assim se sentirão estimulados e mandatados para desenvolver esforços em prol das suas causas.

O Prémio já foi atribuído a dissidentes, dirigentes políticos, jornalistas, advogados, ativistas dos direitos cívicos, escritores, mães, esposas, dirigentes de minorias, um grupo antiterrorista, militantes pacifistas, um ativista contra a tortura, um cartoonista, prisioneiros de consciência que cumpriram uma longa pena de prisão, um realizador de cinema, a ONU enquanto organismo e até uma jovem defensora do direito à educação. Destina-se a promover, em especial, a liberdade de expressão, os direitos das minorias, o respeito

pelo direito internacional, o aprofundamento da democracia e o primado do Estado de direito.

O Parlamento Europeu atribui o Prémio Sakharov, no valor de 50 000 euros, numa cerimónia solene que se realiza durante uma sessão plenária, em Estrasburgo, no final de cada ano. Os candidatos podem ser propostos por um grupo político do Parlamento ou pelos deputados a título individual (sendo requerido o apoio, no mínimo, de 40 deputados a cada candidato). Os nomeados são apresentados numa reunião conjunta da Comissão dos Assuntos Externos, da Comissão do Desenvolvimento e da Subcomissão dos Direitos do Homem, cabendo aos membros que integram estas comissões parlamentares a votação de uma lista restrita de três finalistas. A Conferência dos Presidentes, órgão do PE dirigido pelo presidente e constituído pelos dirigentes de todos os grupos políticos com assento parlamentar, escolhe o vencedor ou vencedores do Prémio Sakharov, o que faz da seleção dos laureados uma escolha verdadeiramente europeia.

Os laureados

- | | | | |
|-------------|--|-------------|---|
| 2017 | Oposição democrática na Venezuela | 2003 | Kofi Annan, secretário-geral das Nações Unidas, e todo o pessoal da ONU |
| 2016 | Nadia Murad e Lamiya Aji Bashar | 2002 | Oswaldo José Payá Sardiñas |
| 2015 | Raif Badawi | 2001 | Izzat Ghazzawi, Nurit Peled-Elhanan e Dom Zacarias Kamwenho |
| 2014 | Denis Mukwege | 2000 | <i>¡BASTA YA!</i> |
| 2013 | Malala Yousafzai | 1999 | Xanana Gusmão |
| 2012 | Nasrin Sotoudeh e Jafar Panahi | 1998 | Ibrahim Rugova |
| 2011 | «Primavera árabe»
(Mohamed Bouazizi, Ali Ferzat, Asmaa Mahfouz, Ahmed El Senussi e Razan Zaitouneh) | 1997 | Salima Ghezali |
| 2010 | Guillermo Fariñas | 1996 | Wei Jingsheng |
| 2009 | Memorial (Oleg Orlov, Sergei Kovalev e Lyudmila Alexeyeva, em nome da organização Memorial e de todos os outros defensores dos direitos humanos na Rússia) | 1995 | Leyla Zana |
| 2008 | Hu Jia | 1994 | Taslima Nasreen |
| 2007 | Salih Mahmoud Mohamed Osman | 1993 | <i>Oslobodjenje</i> |
| 2006 | Aliaksandr Milinkevich | 1992 | «As Mães da Praça de Maio» |
| 2005 | «Mulheres de Branco»; Hauwa Ibrahim e Repórteres Sem Fronteiras | 1991 | Adem Demaçi |
| 2004 | Associação de Jornalistas da Bielorrússia | 1990 | Aung San Suu Kyi |
| | | 1989 | Alexander Dubček |
| | | 1988 | Nelson Rolihlahla Mandela e Anatoli Marchenko (este a título póstumo) |



Andrei Sakharov com a sua mulher, Yelena Bonner

© Yury Rost

Fotografia da capa

© EU 2017 - EP/AP Images / Ariana Cubillos

Print:
ISBN 978-92-846-1864-4
doi:10.2861/72582
QA-06-17-130-PT-C

PDF:
ISBN 978-92-846-1854-5
doi:10.2861/21004
QA-06-17-130-PT-N

europarl.europa.eu/sakharov
#PrémioSakharov